



doi: 10.20396/rfe.v13i2.8665468

Denúncia através de gêneros multimodais: opressão no processo educativo em tempos de pandemia

Denuncia por géneros multimodales: opresión en el proceso educativo en tiempos de pandemia

Kelly de Melo Nogueira Loureiro¹
Adriana Lucia de Escobar Chaves de Barros²

Resumo

O presente artigo buscou analisar e relacionar o caráter denunciativo de charges, do universo online, com temáticas voltadas às situações de opressão no processo educativo de ensino remoto em período pandêmico. A luz das teorias de Paulo Freire e teóricos da Linguística Aplicada, a produção evidenciou algumas realidades que compõem o cenário atual e contribuiu para a continuidade das reflexões acerca do acesso à educação em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Opressão. Ensino remoto. Paulo Freire.

Resumen

Este artículo buscó analizar y relacionar el carácter denunciativo de los dibujos animados, desde el universo online, con temáticas enfocadas a situaciones de opresión en el proceso educativo de la enseñanza a distancia en un período pandémico. A la luz de las teorías de Paulo Freire y de los teóricos de la Lingüística Aplicada, la producción destacó algunas realidades que configuran el escenario actual y contribuyeron a la continuidad de las reflexiones sobre el acceso a la educación en tiempos de pandemia.

Palabras clave: Opresión. Educación a distancia. Paulo Freire.

Introdução.

Ao longo do tempo, a educação e seus impactos na sociedade vêm sendo discutidos de diversas maneiras e nos mais variados espaços. A atual conjuntura, perpassada pela pandemia do novo coronavírus, trouxe à tona,

¹ Mestranda em Letras - Aluna regular do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campo Grande MS. Docente nas escolas municipais Nagen Jorge Saad e Professora Gonçalina Faustina de Oliveira.

² Pós-Doutorado em Letras Modernas pela USP (2016-2017). Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio (2010). Professora efetiva da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

novas e velhas discussões e a imposição de desafios educacionais e de ensino, nunca antes vivenciados pelas gerações atuais.

Novas e velhas discussões porque a história vem sendo refletida na realidade dos povos e, com o ensino remoto uma nova configuração do processo educativo se instaurou, tornando cada vez mais evidentes as desigualdades e as opressões. Essas reflexões nos motivaram a empreender, neste artigo, a análise de charges denunciativas relacionadas à temática da opressão no processo educativo em tempos de pandemia.

Esta investigação partiu do recorte composto por três charges, gênero multimodal do universo online. Valemo-nos delas para tecer análises e reflexões acerca dessa opressão e apresentar respostas às indagações geradoras da pesquisa, a saber: I) Quais são as denúncias apresentadas? II) Como a realidade do processo educativo, em tempos de pandemia, está sendo demonstrada? III) Como as realidades esboçadas implicarão ao futuro dos estudantes? IV) quais as possíveis ações afirmativas e ou intervenções que podem ser sugeridas, com vistas a contribuir para a busca de soluções à problemática apresentada?

As teorias relativas à multimodalidade, fenômeno estudado pela Linguística Aplicada, serviram de alicerce ao embasamento teórico da presente investigação. As múltiplas semioses que constituíram o corpus permitiram extrair informações preciosas e cruciais à interpretação dos gêneros investigados.

As premissas das teorias de Paulo Freire, célebre e relevante pensador, pesquisador e ícone da educação brasileira, nos serviram de aporte teórico para tecer análises reflexivas sobre o contexto atual. Embora estejamos no ano de seu centenário, seus textos — em específico a obra *Pedagogia do Oprimido* — mostram-se atuais e capazes de dialogar com a temática investigada, atuando como fio condutor das conclusões apresentadas ao final desta investida.

1.Multimodalidade e Semiótica Social

A multimodalidade é um fenômeno linguístico que confere ao texto várias semioses e modos, para formar o seu significado. As associações que

são utilizadas na composição dos textos integram o repertório multimodal da produção. Desse modo, pelo viés da multimodalidade todos os textos podem ser analisados.

De acordo com Gualberto e Pimenta (2019):

Para materializar signos, utilizamos modos semióticos, que são formas materiais para a produção de sentido, socialmente constituídas. Assim, voltamos às noções de interesse e escolha, pois no processo de produção de textos, orquestramos modos semióticos que apresentam maior potencialidade de significação (affordances) para aquilo que queremos expressar. (Gualberto e Pimenta, 2019, p.19)

Na esteira das palavras de Gualberto e Pimenta (2019), depreendemos que ao produzir o texto, os modos semióticos que o compõem são escolhidos de forma intencional, a fim de que, realmente sejam significantes para quem realizará a leitura. O leitor, por sua vez, deve dispor de competências leitoras para interpretar as distintas semioses que o signo linguístico referenda.

A presença da multimodalidade nos textos ocorre sempre, conforme revelam Gualberto e Pimenta (2019):

Por fim, esse exemplo ainda nos mostra uma característica inerente a qualquer texto: a multimodalidade. Para a SS, os textos são sempre multimodais, ou seja, são compostos por mais de um modo semiótico. Uma mensagem de áudio também é visual, pois é representada por uma imagem, com cores, tamanhos, formatos, que aparece numa tela específica, com números e letras que indicam a quantidade de segundos, data de envio e nome de quem enviou. No caso da mensagem escrita, os “multi modos” se fazem presentes, já que o texto apresenta tipografia e layout, que implicam recursos com espessura, cores, tamanhos, espaços, alinhamentos etc. (Gualberto e Pimenta, 2019, p.20)

A citação acima nos permite concluir que a multimodalidade é inerente à natureza textual, isto é, seja qual for o gênero ou tipologia a qual pertença, a multimodalidade será elemento constituinte dos textos. São multimodais, portanto, textos escritos, impressos, placas de trânsito, bulas de remédio, desenhos, charges, enfim tudo aquilo que produz significado.

Gualberto e Pimenta (2019) empregam a sigla SS para referirem-se à Semiótica Social. Em consonância com Santos e Pimenta (2014, p.298) afirmam que o

[...] ponto central da semiótica é a significação e, para a Semiótica Social, a ênfase recai sobre o processo de produção e recepção do signo [...]. A Semiótica Social marca uma nova fase de estudos, pois tematiza o significado enquanto processo, seguindo as influências dos estudos pós-estruturalistas. Assim, a Semiótica Social tem foco no processo de significação, situando-o como parte da construção social. (Santos e Pimenta, 2014, p.298)

Inferimos que a multimodalidade envolve diversos aspectos passíveis de análise, pois os significados dos modos semióticos representam a construção do diálogo social no texto. Assim, pertencentes ao campo da semiótica social, os múltiplos modos de uma produção são capazes de trazer à tona, não só as intenções do autor, como também os discursos, as ideologias, os momentos históricos, as ironias, as críticas e demais mensagens que o significado do texto carrega.

Gualberto e Pimenta (2019) discutem sobre a proposição de análises fundamentadas da semiótica social e reiteram que:

Ao propor uma análise fundamentada na SS, precisamos refletir sobre a relação entre a materialidade dos textos, possíveis sentidos produzidos a partir da interação com os textos e impactos

sociais que surgem dessa experiência. Consequentemente, uma abordagem *multimodal* para a análise propõe o estudo de vários modos semióticos envolvidos nos textos que compõem o corpus. (Gualberto e Pimenta, 2019, p.20)

Com vistas a demonstrar as opressões no processo educativo em situação remota, a tipologia de análise exposta pelas autoras (2019) é exatamente a linha de pesquisa que empreendemos. O lado social das charges, as denúncias que evidenciam, a construção dos signos que expõem, ou seja, as análises pretendidas têm na semiótica social e na multimodalidade sua ancoragem.

2. A opressão e a *Pedagogia do Oprimido*

A opressão é bastante debatida nas teorias freirianas, o autor edificou a *Pedagogia do Oprimido*, obra e considerações que utilizamos como aporte para discorrer sobre a opressão, vocábulo componente e intitulador deste trabalho. Para Freire (1987), a educação tem o poder de libertar o indivíduo de suas opressões e opressores, e por meio dela, conquistar a liberdade.

Entendemos, a opressão como o ato de colocar ou permitir o outro em posição desigual. Dessa perspectiva, oprimidos são aqueles que de certa forma estão inseridos em contextos menos privilegiados, situados à margem de um cenário e opressores aqueles que, de certa forma, favorecem a situação oprimida, sem depreenderem ações para combatê-la.

É importante esclarecer que quando nos referimos à opressão, opressores e oprimidos não estamos apontando um sujeito único, um sistema ou uma sociedade. Como esses termos são de natureza ampla, o seu real significado é dependente da situação de empregabilidade, bem como do contexto em que estão inseridos.

No início de suas afirmações em *A Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987), dedica o livro aos oprimidos, fazendo referência direta aos “esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas sobretudo com eles lutam” (Freire, 1987, p.19). Para

o autor, os “esfarrapados do mundo” são os que estão em situação de opressão.

Na continuidade de suas constatações, Freire (1987) externa que o homem continua em constante busca, assim, o excerto a seguir é tão atual e nos leva à perplexidade ao percebemos que, apesar dos anos passados, continuamos a vivenciar o mesmo impasse: “mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu ‘posto no cosmos’, e se inquietam por saber mais” (Freire, 1987, p.19).

Assim, em relação ao panorama atual, nos arriscamos a dizer que a inquietude é, talvez, o termo norteador do real momento em que tudo é incerto. A pandemia do novo Coronavírus afastou dos homens a presença da tranquilidade. Seu sentido em nossas vidas nos parece tão distante, que faz o homem carecer de generosidade verdadeira, de humanização e de liberdade. De acordo com Freire (1987), a generosidade advinda dos homens nem sempre é verdadeira e carece de luta por restauração da liberdade contra o poder da opressão e seus produtores. Segundo o autor,

Este ensinamento e este aprendizado têm de partir, porém, dos “condenados da terra”, dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo e dos que com eles realmente se solidarizem. Lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira. Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (Freire, 1987, p.20)

A essência das reflexões de Freire (1987) nos permite compreender nossa trajetória em busca de liberdade, missão que não é somente dos oprimidos, mas também de todos os agentes que protagonizam e atuam no contexto educacional, deste país diverso.

A liberdade a qual Freire (1987) se refere consiste na eliminação das situações opressoras que geram realidades antagônicas, marginalizam e promovem a crescente desigualdade instaurada.

No tocante à esfera educacional, foco de nossa pesquisa, os impasses que entram o acesso à educação de qualidade e geram suas desigualdades, podem ser entendidos como situações de opressão no processo educativo, agravados neste período pandêmico. Referimo-nos aos estudantes — jovens, crianças e adultos — que vivem em contextos de baixa renda, morando na periferia e sobre a segregação e a exclusão que lhes impõe um sistema capitalista cruel com uma distribuição de renda desigual.

Geralmente, os que estão à margem da sociedade e do sistema, vivenciam o isolamento, termo recorrente desde o início da pandemia. Entretanto, isolados não estão somente aqueles que sofrem com as patologias causadas pelo vírus Sars-cov-2, mas todos os que sofrem com a dificuldade de acesso à educação de qualidade, que têm fome, que são excluídos e encontram as portas fechadas para a realização dos sonhos, realidade vivida por significativa parcela de brasileiros. Mesmo com as barreiras que o cenário impõe, a luta pela conquista da liberdade que envolve o desate das amarras da opressão não pode cessar. Como diz Freire,

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. (Freire, 1987, p.22)

A partir das premissas pontuadas por Paulo Freire (1987), entendemos que cabe a todos, a busca ininterrupta por liberdade. Assim, consoante ao tema deste estudo, está a liberdade da opressão dos sujeitos que, de alguma forma, compõem a face oprimida daqueles que durante a pandemia, foram cerceados do direito à educação de qualidade. Neste momento, colocamos também a ciência imbuída nessa causa, ao refletir e reconhecer a existência da opressão no processo educativo remoto.

A pandemia trouxe consigo a necessidade de acesso à internet com equipamentos de qualidade, mas como ter toda essa estrutura e acesso se nas mesas ainda falta o pão? Se a fome bate cada vez com mais frequência nas portas das comunidades — muitas vezes sem saneamento, sem estrutura — as desigualdades tornam-se muitas e os desafios também, mas o maior de todos talvez esteja na urgência em conhecer verdadeira e profundamente o mundo em que vivemos. Nesse sentido, Freire (1987) assevera que a educação problematizadora ajuda o homem a perceber-se.

A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham. Se, de fato, não é possível entendê-los fora de suas relações dialéticas com o mundo, se estas existem independentemente de se eles as percebem ou não, e independentemente de como as percebem, é verdade também que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebam no mundo. (Freire, 1987, p.46)

Perceber o real criticamente e lutar por mudanças é o que realmente proverá vitórias na vida dos sujeitos oprimidos. Quem sabe, um dia, todos nós saibamos das múltiplas realidades e urgências de nosso povo, isto é, que carecemos de políticas públicas de enfrentamento às desigualdades, de ações

afirmativas que possam impactar, não só os discursos políticos e seu público ouvinte, mas também cheguem à mesa do brasileiro.

Hoje, com a globalização e a difusão do uso dos meios de comunicação de massa, várias realidades são expostas e denunciadas por meio de textos multimodais como as charges que analisamos a seguir.

3. Análise de charges pelo viés da multimodalidade

O corpus que passamos a analisar é composto por gêneros do universo online, constituídos de três charges que aludem à temática do processo educativo na modalidade remota, por meio do viés da multimodalidade.

No que tange a multimodalidade, serão utilizadas as considerações dos teóricos Gunther Kress (2006), Théó Van Leeuwen, autores da obra: *Reading Images: The Grammar of Visual Design*, que versa sobre a análise de imagens associadas ao contexto de produção e circulação, dentro ou fora do ambiente escolar. Além de colaborar com distintas reflexões acerca da semiótica, esses teóricos são pioneiros na abordagem de análises da linguagem visual, bem como dos demais pressupostos relacionados à multimodalidade.

Kress e Leeuwen (2006) abordam que o uso do modo visual muda de acordo com o tempo, vejamos que:

Da mesma forma, características particulares e modos de comunicação devem ser vistos na história de seu desenvolvimento e no ambiente de todos os outros modos de comunicação que os cercam. O uso do modo visual não é o mesmo agora como era há cinquenta anos nas sociedades ocidentais; não é o mesmo de uma sociedade para outra; e não é o mesmo de um grupo social ou instituição para outro. (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 35, tradução nossa).

Dessa perspectiva, é possível afirmar que o modo visual se constitui a partir de contextos históricos e sociais diversos. De acordo com os autores, os “modos semióticos, da mesma forma, são moldados tanto pelas características

e potencialidades intrínsecas do meio, quanto pelos requisitos, histórias e valores das sociedades e suas culturas”. (Kress; Van Leeuwen, 2006, p.35, tradução nossa).

Na obra *Reading Images: The Grammar of Visual Design*, Os Kress e Leeuwen (2006) afirmam que as metafunções postuladas por Michael Halliday são essenciais à interpretação de imagens e estão divididas em três tipos: ideacional, interpessoal e textual, além de abranger o estudo de todos os modos semióticos.

Diante disso, consideramos importante apresentar as características de cada metafunção de que tratam Kress e Leeuwen (2006), sendo a ideacional:

Qualquer modo semiótico deve ser capaz de representar aspectos do mundo como ele é experimentado pelos humanos. Em outras palavras, ele deve ser capaz de representar objetos e suas relações em um mundo fora do sistema representacional. Esse mundo pode ser, e mais frequentemente, já semioticamente representado. (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 41, tradução nossa).

A metafunção interpessoal compreende que:

Qualquer modo semiótico deve ser capaz de projetar as relações entre o produtor de um signo (complexo) e o receptor / reproduzidor desse signo. Ou seja, qualquer modo deve ser capaz de representar uma relação social particular entre o produtor, o espectador e o objeto representado. (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 42, tradução nossa).

Já a metafunção textual explicita que:

A meta função textual - Qualquer modo semiótico tem que ter a capacidade de formar textos, complexos de signos que são coerentes tanto internamente entre si quanto externamente com o

contexto no e para o qual foram produzidos. (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 43, tradução nossa).

Os conceitos apresentados pelos autores (2006) nos permitiram relacionar as charges, analisadas neste artigo, com as metafunções da leitura de imagens. A partir das análises, evidenciamos os significados de cada recorte, por meio do exposto nas charges que seguem:

Charge 1



Fonte: Charge produzida por Salomón em 20 de Abril de 2021

A leitura desta charge nos permite depreender que os elementos visuais postos intencionalmente, evidenciam uma situação de opressão no processo educativo em contexto remoto, pois temos nela representadas duas realidades distintas. De um lado, o estudante com acesso à internet de qualidade, estrutura tecnológica e conforto, assistindo a uma aula síncrona com a telepresença de uma professora explicando o conteúdo.

De outro lado, temos a realidade de um estudante claramente pertencente a uma classe social menos favorecida, portanto marginalizada, observando um contexto totalmente alheio ao seu, posicionado do lado de fora da janela, apoiado em duas caixas e mesmo assim, necessitando ficar na ponta dos pés, em um esforço para, pelo menos da janela, tentar partilhar da aprendizagem de seu colega, por meio da realidade estrutural tecnológica de que este dispõe.

Trata-se de uma criança que usa chinelos de dedo, roupas rasgadas, está suando, com o cabelo despenteado e com uma fisionomia que mostra cansaço. Além disso, tem como recurso para o seu aprendizado, apenas um caderno e um lápis, seu braço serve de apoio e sua expressão não demonstra contentamento.

Ao relacionarmos a charge com os estudos explicitados na obra *Pedagogia do Oprimido* evidenciamos uma denúncia da opressão em relação às possibilidades de acesso à educação de qualidade, pois para esses meninos, que aparentam ter a mesma idade e cursar o mesmo ano e ou série, as realidades de acesso são bem diferentes. Podemos também apreender a metafunção ideacional descrita por Kress e Leeuwen (2006), já que estão postas, por meio de um texto multimodal, as características do mundo e das situações vivenciadas nele.

Charge 2



Fonte: Charge produzida por Gilmar do Fraga em julho de 2020

Nesta charge ocorre a associação de textos verbais, imagens, cores e expressões, elementos que nos permitem relacionar com as metafunções textuais e ideacionais expostas por Kress e Leeuwen (2006). São imagens que oferecem uma idealização contextual relativa às palavras, no sentido que possibilita ao leitor inferir o sentido duplo que a expressão “nem sinal” apresenta, isto é, nem sinal de internet e nem sinal de educação à distância.

É perceptível, pelo conjunto imagem/palavras, que o autor procura mostrar que a crítica está diretamente ligada ao ensino à distância e à estrutura que este exige para se concretizar. O local não dispõe de estrutura e recursos suficientes para que o ensino remoto aconteça, já que, nem mesmo subindo ao topo do morro, o estudante consegue captar o sinal de internet com seu aparelho de celular — inferior aos modelos que possuem tecnologia de ponta — e os livros e cadernos permanecem jogados ao chão. Enquanto o sinal não chega, a aula não acontece e conseqüentemente a realidade não muda, situação que se expressa na preocupação evidenciada na indagação da mãe do estudante.

Charge 3



Fonte: Charge produzida pelo cartunista Júnior Lézio em de 2020

Nesta charge ocorre a associação de textos verbais, imagens, cores e expressões, elementos que nos permitem relacionar com as metafunções

textuais e ideacionais expostas por Kress e Leeuwen (2006). São imagens que oferecem uma idealização contextual relativa às palavras, no sentido que possibilita ao leitor inferir o sentido duplo que a expressão “nem sinal” apresenta, isto é, nem sinal de internet e nem sinal de educação à distância.

É perceptível, pelo conjunto imagem/palavras, que o autor procura mostrar que a crítica está diretamente ligada ao ensino à distância e à estrutura que este exige para se concretizar. O local não dispõe de estrutura e recursos suficientes para que o ensino remoto aconteça, já que, nem mesmo subindo ao topo do morro, o estudante consegue captar o sinal de internet com seu aparelho de celular — inferior aos modelos que possuem tecnologia de ponta — e os livros e cadernos permanecem jogados ao chão. Enquanto o sinal não chega, a aula não acontece e conseqüentemente a realidade não muda, situação que se expressa na preocupação evidenciada na indagação da mãe do estudante.

Referências

FRAGA, Gilmar do. Não é ensino a distância, é ensino distante. Diário do Centro do Mundo, julho de 2020. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/nao-ensino-a-distancia-e-ensino-distante-por-fraga/>. Acesso em: 21 de abril de 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUALBERTO, C.; PIMENTA, S. Representações do feminino em protagonistas de Disney sob uma ótica multimodal a partir da Semiótica Social In: GUALBERTO, C.; PIMENTA, S. *Semiótica social: multimodalidade, análises, discursos*. São Paulo, SP: Pimenta Cultural, 2019. Capítulo 1. Disponível em: https://12a44a16-333b-2afc-4c09-a9f4ce61c300.filesusr.com/ugd/143639_c955a42f149d41e297922869edb0111f.pdf

JÚNIOR, Lézio Custódio. Charge do cartunista rio-pretense viraliza nas redes sociais. Diário da Região, maio de 2020. Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/cultura/2020/05/1194237-charge-de-cartunista-rio-pretense-viraliza-nas-redes-sociais.html>. Acesso em: em 21 de abril de 2021.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo Van. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. 2ª ed. London New York: Routledge, 2006.

PIRES, Vinicius Eduardo Rocha. O sucateamento à distância. Notícias de Chapada dos Guimarães, abril de 2020. Disponível em: <https://www.noticiasdechapada.com.br/noticia/1956/o-sucateamento-a-distancia>. Acesso em: 21 de abril de 2021.

SANTOS Zaira Bomfante dos; PIMENTA Sônia Maria Oliveira. Da Semiótica Social à Multimodalidade: Orquestração de Significados. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*. Araraquara, volume 12, páginas 295-324, dezembro de 2014.

Submetido em: 28/04/2021

Aceito em: 13/09/2021

Publicado em: 11/10/2021